

O planalto da longevidade

O mundo virou do avesso, retorquiu, estagnou, perante esta gigantesca onda avassaladora de incerteza, vagas de medo, que amedrontou mercados, colapsou bolsas internacionais. O mundo está constringido com a saúde pública, provocado pela COVID-19, que arruinou o melhor das previsões probabilísticas: o colapso dos sistemas sociais e económicos.

Muitos perspetivam mudanças aceleradas e sistémicas dos vários ecossistemas. Muitos idealizam cenários macroeconómicos marxistas ou keynesianos. Muitos utopizam que as desigualdades diminuirão, que certos poderes ou setores financeiros serão destronados, e que os grandes monopólios deixarão de ser questionáveis. Enfim, período fértil em profecias, o que se vive atualmente.

Muitos prevêem o planalto pandémico ser longo e acompanhado de letalidade.

E o planalto da longevidade, qual será?

Continuará concerteza a ser longo e teimará a desafiar 'voos' débeis, arrastando consigo (como sempre) acrescidas comorbilidades e vulnerabilidades irreversíveis, sendo estes (em muitas situações): sinais do tempo.

Vejamos, Portugal é dos países europeus mais envelhecidos (21,5% de pessoas com 65 ou mais anos), somente ultrapassado pela Itália (22,6%) e pela Grécia (21,8%) (INE, 2018), cuja esperança média de vida, em 2018, situava-se nos 81,6 anos, sendo que na Europa situava-se em 80,9 anos. Atualmente, em Portugal, cerca de 660 mil pessoas têm 80 ou mais anos. Entre 2001 e 2018, este grupo mais do que duplicou, passando de cerca de 365 mil para 650 mil pessoas com 80 ou mais anos, destes mais de 4.000 são centenários, e destes cerca de 65% são mulheres. Esta é sem dúvida, uma das faixas etárias que mais é atingida pelo novo Coronavírus, dado que até ao momento, (a 08/04/2020), do total de 13.141 indivíduos infetados confirmados e dos 380 mortos, cerca de 1.671 infetados e 241 mortos, têm mais de 80 anos, tornando-os num dos principais grupos de risco, com taxas de letalidade elevadas.

Socorrendo da conceção do filósofo austríaco Karl Popper, que além de ser uma referência da epistemologia 'falibilista', entre tantas outras concepções da ciência,

concebeu de modo particular e brilhante, a correspondência entre a nossa realidade e o grande mistério da percepção humana, em que eufemisticamente usou os cisnes brancos e os cisnos negros, para demonstrar as limitações do nosso quadro mental perante cenários atípicos como o contexto emergente que vivemos.

Assim, estamos hoje, atravessando fenômenos atípicos e pouco probabilísticos, onde vemos o cisne negro que veio baralhar o nosso quadro mental, levando a atropelar e a bloquear certos *modus operandis* comodistas e acomodados, para uns, e a redesenhar e a recomodar certas soluções inovadoras e corajosas, para tantos outros.

Repentinamente, como que deixamos de ter a certeza nos 'amanhãs' e travamos nossos próprios PIB's no consumo de bens/recursos, outrora inesgotáveis. Deixamos de ver os cisnes brancos das certezas absolutas dos infundáveis 'amanhãs' que tínhamos para usar/abusar, para passarmos a ver o incrível cisne negro, da incerteza dos 'amanhãs' que nos reserva, e o medo absoluto de retomarmos/termos os mesmos controles de vida de outrora.

Este cisne negro, ancorou análises SWOT, para o lado das Ameaças e Fraquezas, aniquilando por completo perspectivas futuras imediatas, do lado das Oportunidades e Forças. Mas de repente, como que queremos e podemos com heroísmo inverter um conjunto de siglas em novos significados e representações, convertendo o W (World) em mundo mais solidário e sustentável, e o T (True) em verdadeiro bem-comum e altruísta, suportado pela revitalização de Forças internas e pela recaptação de Oportunidades externas.

Sejamos sinceros: quem tinha medo do 'eu' e do 'outro', e vivia sob ameaça (sub)objetiva aos 40, 50 ou 60 anos, ao ver passar este cisne negro, qual será o quadro mental, que terá aos 70, 80 ou 90 anos? Quem era otimista aos 40, 50 ou 60 anos, tenderá a sê-lo aos 70, 80 ou 90 anos. Perante isto, qual o planalto da longevidade que cada um vive/viverá?

Atendendo ao fator mais diferenciador do envelhecimento, como seja, o da heterogeneidade, percebemos que as pessoas não envelhecem de maneira igual, como também não morrerão todas da mesma causa e nem todas vêm cisnes negros.

Não haverá nenhum surto pandémico que extinga os baby boomers, poderá quanto muito, extinguiem-se certas representações sobre os seus futuros pessoais/familiares. Mas, como diria Michèle Delaunay (ex-Ministra Francesa para os Idosos, 2012-2014) , desde que preservemos e estimemos a liberdade como algo indestrutível, sendo o elemento – liberdade – tão caro a esta geração baby boomer, por serem estes os principais responsáveis pelo avanço dos direitos sociais e de igualdade, devemos pois “cuidar da liberdade como um jardim”. Esperemos assim, que estes não vejam cisnes negros, de modo a condicionar as suas legítimas ambições, desejos, vontades e capacidade de decisão.

Seria bom que depois de passarmos esta ‘onda oceânica de superfície’, geradas pelo maior surto pandémico deste terço de século, geradoras de outras ondas de fricção multinível e de ondas de pressão nos multisistemas sociopolíticos, pudéssemos assistir a novas estratégias de vida coletiva mais satulogénicas, novos modos de participação social sem idadismos, e que possamos aprender com os erros. Não tomemos o todo como sendo maior do que a soma das partes. Não categorizemos ou julguemos as pessoas pelas idades que têm. Não ignoremos a necessidade combinatória, regulatória e da supervisão criteriosa dos cuidados integrados de saúde e sociais, para atingirmos melhores níveis de equidade e qualidade. Não ignoremos aquelas ‘bengalas’ que procuram sentidos de vida, quando certa sociedade civil é tão castradora na satisfação e qualidade de vida (subjativa) para uns, e vende e alimenta ilusões, para tantos outros. Não ignoremos as ‘cadeiras de rodas’ que procuram tomar a sua voz para verem correspondidos certos cuidados básicos, muito antes de cuidados clínicos.

Não secundarizemos as prioridades dos octagenários, nonagenários ou centários, não decidindo para estes o que não queremos para nós. Condicionemos positivamente, antes sim, o reforço do stock de saúde, mesmo que este dependa de determinados capitais (físico, saúde, financeiro e de conhecimento), e influenciado em grande medida pela carga genética, em 30%, estilo de vida saudável, em 60% e a qualidade dos sistemas de saúde e sociais influenciarem, em 10%. Importa, assim, conferir a melhor otimização possível de todos sistemas em ordem à melhor dignidade (tanto possível), de quem plana bem alto na rota dos seus largos anos (!)

Nesta fase de desagregação, confusão, insegurança e desconfiança quanto ao futuro, talvez valerá a pena, aproveitar este confinamento generalizado para interpelar-mo-nos objetivamente: qual o sentido de vida (individual e coletiva), que queremos construir verdadeiramente? Socorrendo da filosofia de vida do povo de Ikigoa (ilha do Japão), a melhor resposta a esta questão, poderá muito bem passar por formular e responder a outras questões, como: “o que é que amas ou quem amas?”; “em que é que te consideras bom?”; “em que pensas que o mundo precisa de ti?”; e “que contributos podes dar há economia?”. Talvez assim, possamos perspetivar o real planalto da COVID-19, num apaziguador planalto da longevidade.

Horta, 09 de abril de 2020.

Com os melhores cumprimentos cordiais,



Sandro Jorge